

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL

VALDÉCIO FERNANDES ROCHA

**O CORDEL EM SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DO TRABALHO REALIZADO
COM A PRODUÇÃO TEXTUAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

PATU
2016

VALDÉCIO FERNANDES ROCHA

**O CORDEL EM SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DO TRABALHO REALIZADO
COM A PRODUÇÃO TEXTUAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte – UERN –
como requisito obrigatório para obtenção
do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Gorete Paulo
Torres

PATU
2016

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R672 Rocha, Valdécio Fernandes .
Rochc O CORDEL EM SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DO TRABALHO
REALIZADO COM A PRODUÇÃO TEXTUAL NOS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL / Valdécio Fernandes Rocha - 2016.
42 p.

Orientadora: Maria Gorete Paulo Torres.
Coorientadora: .
Monografia (Graduação) - Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte, Letras-língua portuguesa e respectivas literaturas, 2016.

1. Literatura de cordel. . 2. Produção textual. . 3. Aprendizagem. I.
Torres, Maria Gorete Paulo, orient. II. Título.

VALDÉCIO FERNANDES ROCHA

**O CORDEL EM SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DO TRABALHO REALIZADO
COM A PRODUÇÃO TEXTUAL NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Ma.Maria Gorete Paulo Torres

Aprovada em ___/___/_____

Banca Examinadora

Profa. Ma. Maria Gorete Paulo Torres

Prof. Ms. Iure Coutre Gurgel
1º Examinador

Profa. Ma. Larissa Cristina Viana Lopes
2º Examinador

DEDICATÓRIA

Ao meu pai e à minha mãe (*in memoriam*)
que me proporcionaram o contato com o saber popular
e me encaminharam para a busca de outros saberes.

A Fatinha, minha esposa, companheira de todas as horas
e também uma batalhadora que acredita ser a educação
uma forma de mudar o mundo.

Aos poetas Antonio Francisco, João do Posto e José Bezerra de Assis
que unem o ofício de ser poeta à arte de educar.

Ao MOVIMENTO ESCAMBO POPULAR DE TEATRO DE RUA
por proporcionar momentos constantes de experiências
e trocas em cultura popular.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores, profissionais que não medem esforços para nos fazer vivenciar o conhecimento científico intercalando com o saber popular.

À professora Gorete Torres pelo apoio e incentivo à valorização da Literatura Popular, sobretudo pelas orientações durante a realização deste trabalho.

Aos colegas do Curso de Letras junto aos quais vivenciamos momentos únicos de saber e de cultura popular.

Cordel também leva luz
Ao raciocínio apático
Poderia ser na escola
Reforço paradidático
Assim o aprendizado
Seria muito mais prático

Quanta gente no sertão
Que pra ler não tinha chance
Porque livros e escolas
Não estavam ao alcance
Só teve noção das letras
Vendo alguém ler um romance

Eu fui menino da roça
Um filho de camponês
O valor que têm as letras
Senti a primeira vez
Vendo mãe ler a peleja
De Pinto com Marinez

Nesse tempo não havia
Nem rádio no interior
De TV não se sabia
Nem o nome nem a cor
A festa era cantoria
O artista, o cantador

Voltava o homem da feira
Por longe que a feira fosse
Ia tirar da corona
Bombom, bolacha e pão doce
E enquanto ele tirava
A família perguntava:
“Trouxe romance ou não trouxe?”

(Geraldo Amâncio)

Epígrafe

RESUMO

Este trabalho tem como ponto de partida o desejo da realização de uma pesquisa para verificar com se dá o trabalho com ensino de literatura, sobretudo a literatura de cordel, nos anos finais do Ensino Fundamental. Assim, objetivamos analisar se/como a literatura de cordel contribui para o desenvolvimento da produção textual dos alunos das turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior do Estado do Rio Grande do Norte. Especificamente, queremos verificar quais as impressões dos alunos relacionadas ao trabalho realizado com a literatura de cordel nas referidas turmas, bem como, compreender de que forma o referido trabalho tem contribuído para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, especificamente no que se refere à produção textual do gênero. Trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa, já que não nos interessa a quantidade dos dados, mas realizarmos uma descrição analítica e reflexiva do *corpus* eleito. Para isto, nos embasamos em alguns estudiosos dos quais podemos citar Luyten (1983), Marinho, (2012); Sorrenti, (2009); Urbano (2000) e Viana (2006) que apresentam reflexões acerca da literatura popular, mais precisamente sobre a literatura de cordel. Nosso *corpus* é constituído de anotações de aulas ministradas, questionários e produções textuais dos alunos. Os resultado evidenciam que a literatura de cordel é uma porta aberta para realizar uma interação entre aluno e professor, bem como para discussões de temática que poderão contribuir de forma bastante significativa na construção do sujeito aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de cordel. Produção textual. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work has as starting point the desire to execute a research to verify the work with literature teaching, especially cordel literature, in the final years of Elementary School. Therefore, we aim to analyze if / how the cordel literature contributes to the development of the textual production of the students of the 8th and 9th grade classes of the Elementary School of a public school in the interior of the State of Rio Grande do Norte. Specifically, we want to verify the impressions of the students related to the work done with the cordel literature in the referred classes, as well to understand this work has contributed to the development of students' learning, specifically with regard to textual production of genus. This is a descriptive and qualitative research, since we are not interested in the quantity of the data, but an analytical and reflexive description of the chosen corpus. For this, we base on some scholars of which we can cite Luyten (1983), Marinho, (2012); . Urbano (2000) and Viana (2006) who present reflections on popular literature, more precisely on cordel literature. Our corpus consists of annotations of classes taught, questionnaires and textual productions of the students. The results show that the cordel literature is an open door to carry out an interaction between student and teacher, as well as for thematic discussions that could contribute in a very significant way in the construction of the student subject.

Key words: Cordel Literature. Text Production. Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 LITERATURA POPULAR: DO CORDÃO À RECITAÇÃO.....	14
1.1 A literatura de cordel e sua origem.....	14
1.2 Xilogravura: a ilustração dos folhetos.....	16
1.3 A estrutura e a métrica utilizada cordel.....	19
1.4 Literatura de cordel no Nordeste brasileiro.....	23
2 O CORDEL EM SALA DE AULA: POESIA, DESCONTRAÇÃO E CONHECIMENTO.....	26
2.1 A escola pesquisada: universo cordelista.....	26
2.2 Um desenhar da prática com a literatura de cordel.....	28
2.3 A voz dos alunos sobre o trabalho com a literatura de cordel.....	31
2.4 E o que nos mostra as produções.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE.....	41

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como ponto de partida o desejo de realizarmos uma pesquisa para verificar quais as contribuições do trabalho com ensino de literatura, sobretudo a literatura de cordel, nos anos finais do Ensino Fundamental, haja vista que a nossa vivência com a literatura de cordel provocou inquietações no que se refere à introdução ao ensino da literatura nessa fase escolar. Mais precisamente essa proposta surgiu a partir das nossas experiências com alunos de 8º e 9º anos dessa etapa de ensino, o que nos possibilitou o estudo sobre a temática buscando um conhecimento significativo sobre literatura de cordel, aliado ao ensino de literatura e língua portuguesa, uma temática pouco ou quase nunca trabalhada nessa modalidade de ensino.

Tudo isso porque compreendemos que proporcionar o incentivo à leitura e a produção escrita a alunos da fase II do Ensino Fundamental, requer diferentes técnicas que os motivem a se interessar pela leitura e a produzir seus próprios textos. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa - PCNs (1991, p. 54) assinalam que:

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos, de fato a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente. (BRASIL, 1991)

É na busca por esse leitor competente e na possibilidade da inserção de diferentes gêneros textuais que a escola deve realizar o seu trabalho com a formação leitora e tentar contribuir para o desenvolvimento tanto profissional quanto intelectual de seus sujeitos. Vemos a literatura popular, mais especificamente, a literatura de cordel, como um dos fios condutores que podem possibilitar esse trabalho anos finais do Ensino Fundamental. Assim, com a inserção da literatura de cordel em sala de aula o educador pode descobrir uma ótima maneira de abordar diversos temas e contribuir não só com a formação leitora do aluno, mas também com a formação humana, social e individual.

Como já salientamos, o incentivo à leitura nessa fase do ensino, requer diferentes dinâmicas e técnicas que motivem o aluno dessa faixa etária a gostar da leitura e que, para tanto, requer envolvimento de pais, educadores e alunos. Isso porque o incentivo a alguém deve se dá pela prática e não apenas pela exposição de textos a serem lidos.

Cabe ao educador envolver-se com atos de leitura que possibilitem ao educando o gosto pela leitura de modo que esta faça parte do seu contexto e seja incorporada ao seu cotidiano, pois, linguagem e realidade se prendem dinamicamente. É importante lembrar que ninguém se torna leitor ou amante dos livros apenas por obediência e, tal feito não ocorre como um estalo.

No tocante à Literatura de Cordel, observamos que tais dificuldades de leitura não são diferentes daquelas enfrentadas por quem trabalha com a literatura clássica tendo em vista que são literaturas. Para isto, as escolas discutem o tema e a reclamação sempre recai sobre as crianças e adolescentes que lêem pouco e, quando lêem, admitem fazê-lo somente para cumprimento de uma exigência de nota para tal disciplina.

A falta de interesse pelos livros tem sido alvo de pesquisas e teses de estudiosos da educação visando encontrar caminhos para o trabalho com a leitura literária em sala de aula. Reside aí, a importância de se criar um clima em sala de aula que seja capaz de assegurar todas as possibilidades inventivas do texto poético.

O trabalho de leitura e produção textual nas nossas escolas deve estar acima de qualquer desejo de obtenção de notas. Ele deve acompanhar o aluno e o professor em todos os momentos de suas vidas visando o desempenho nas suas “leituras de mundo”. E é necessário que se diga que a leitura está em toda parte, pois, vivemos num mundo letrado e de interferência visual da escrita cotidiana. Dessa forma, professor e aluno devem estar envolvidos no processo de maneira a construir suas próprias estratégias de aprendizagem e buscar seus pontos de interesses para que a leitura seja realmente algo de sua vida e que lhe seja útil no seu dia-a-dia.

Embasado nessa discussão, este trabalho tem como objetivo principal analisar se/como a literatura de cordel contribui para o desenvolvimento da produção textual dos alunos das turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior do Estado do Rio Grande do Norte. Especificamente,

queremos verificar quais as impressões dos alunos relacionadas ao trabalho realizado com a literatura de cordel nas referidas turmas, bem como, compreender de que forma o referido trabalho tem contribuído para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, sobretudo no que se refere à produção textual do gênero.

Para tanto, planejamos algumas aulas de literatura de cordel, as quais foram ministradas nos anos finais do Ensino Fundamental, mais precisamente do 8º e 9º ano de uma escola pública do interior do Estado do Rio Grande do Norte. No desenvolvimento das aulas fizemos algumas anotações que se constituem parte de nosso *corpus*. Em seguida, aplicamos um questionário a quatro alunos, sendo dois de cada série, no intuito de analisar quais as impressões relacionadas ao trabalho realizado com a literatura de cordel em suas salas de aula. Vale salientar que na escolha dos alunos para contribuir com a pesquisa, utilizamos um sorteio através dos números do diário e que foi sorteado uma menina e um menino de cada turma, isso para sermos o mais imparcial possível na pesquisa.

Depois de aplicar o questionário, solicitamos que esses alunos produzissem estrofes de cordéis, de uma temática sugerida. Assim, nosso *corpus* é constituído de anotações, questionários e produções textuais dos alunos.

Metodologicamente, nossa pesquisa se configura como uma pesquisa descritiva e qualitativa, já que não nos interessa a quantidade dos dados, mas realizarmos uma descrição analítica e reflexiva do *corpus* eleito, pois conforme Minayo (1994, p. 21) “a pesquisa qualitativa responde a questões particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantitativo.” Assim, para realização de nossa pesquisa tentamos trabalhar “com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” tentando dar conta de nossos objetivos e, portanto compreendermos “um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”(MINAYO, 1994, p. 21-22).

Assim, temos as seguintes questões norteadoras de pesquisa: quais as impressões dos alunos relacionadas ao trabalho realizado com a literatura de cordel nas turmas de 8º e 9º anos, da escola pesquisada? De que forma o trabalho a literatura de cordel tem contribuído para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos pesquisados, especificamente no que se refere à produção textual do gênero?

Para a realização desta pesquisa, nos ancoramos em estudos relacionados à temática dos quais podemos citar Gonsalves, (2007) que define a pesquisa como aquela que, entre outros pontos pretende descobrir a existência entre variáveis. Outros teóricos como: Luyten (1983), Marinho (2012), Sorrenti (2009), Urbano (2000) e Viana (2006) que trouxeram uma contribuição para o embasamento acerca das questões trazidas neste trabalho, com base na literatura de cordel, objeto de estudo desta proposta de trabalho.

Estruturalmente, este trabalho monográfico encontra-se dividido em duas partes principais: O capítulo teórico, que traz uma discussão acerca da temática em pauta, o qual está intitulado de “Literatura popular: do cordão à recitação” e que reflete em seus subtítulos sobre “A literatura de cordel e sua origem”, “Xilogravura, a ilustração do folheto, A estrutura da métrica utilizada nos cordéis” e, por último, “A história da literatura de cordel no Nordeste”. Todos esses subtítulos refletem sobre a temática de forma específica cada um dentro de seus limites e proximidades. Para a construção desse capítulo nos ancoramos em autores que discutem a temática (já citados acima) e contribuem para conscientização dos envolvidos com essas questões.

Depois construímos o capítulo de análise que está intitulado de “O Cordel em sala de aula: poesia, descontração e conhecimento”. Para tanto, nos debruçamos no *corpus* de nossa pesquisa e procuramos dar conta dos objetivos propostos e assim responder nossas questões de pesquisa. Esse capítulo, também se encontra dividido em subtítulos. No primeiro, “A escola pesquisada: universo cordelista”, traz uma breve apresentação da escola, na qual realizamos a pesquisa e os sujeitos envolvidos. O Segundo, “Um desenhar da prática com a literatura de cordel” descreve as aulas ministradas e nossas próprias impressões sobre a prática. Já o terceiro, “A voz dos alunos sobre o trabalho com a literatura de cordel” descreve de forma analítica as respostas dadas pelos alunos pesquisados as questões expostas no questionário. O quarto é último subtítulo, “E o que nos mostra as produções?” apresenta as produções dos alunos e refletir sobre disposição dos mesmos em relação ao trabalho com a construção de cordéis. Ainda temos nossas considerações finais que nos fazem refletir sobre os achados desta pesquisa, deixando aberta uma discussão para trabalhos futuros.

1 A LITERATURA POPULAR: DO CORDÃO À RECITAÇÃO

Neste capítulo, considerado teórico, nos embasamos em alguns estudiosos dos quais podemos citar Luyten (1983), Marinho (2012), Sorrenti (2009), Urbano (2000) e Viana (2006) que apresentam reflexões acerca da literatura popular, mais precisamente sobre a literatura de cordel, sua origem e a forma de ilustração, a xilogravura, suas estruturas de composição, a rima e a métrica, a chegada do cordel ao Nordeste do Brasil e sua materialização através da oralidade dos cantadores populares, entre outras informações necessárias à compreensão desse gênero de escrita, e por último refletiremos sobre a utilização do gênero cordel em sala de aula.

1.1 A literatura de cordel e sua origem

Por razões diversas há ainda hoje dificuldade por parte dos estudiosos em diferenciar os conceitos de literatura popular e literatura de cordel. Por isso, antes de especificarmos o termo literatura de cordel é importante discutirmos um pouco sobre literatura popular, tendo em vista que a primeira está inserida no contexto da segunda.

Segundo Luyten (1983), a literatura popular aparece no Ocidente em duas etapas. A primeira é a partir do século XII, como manifestação leiga independente do sistema de comunicação eclesiástico. Na visão do autor, é característica da literatura popular a sua linguagem regional e a ligação aos fatos e costumes das pessoas do povo que através da literatura popular vão, aos poucos, contando suas histórias.

A expressão literatura de cordel foi inicialmente empregada pelos estudiosos da cultura popular para designar os folhetos vendidos pendurados em cordões e expostos nas feiras livres, ganhando, com isso, o apelido de cordel. Os poetas populares escrevem seus versos em cordel e com a popularização dos cordéis são reconhecidos como cordelistas.

Segundo Viana (2006), a afirmação da literatura de cordel como literatura de fato, ocorreu no Nordeste do Brasil, através da popularidade concedida pelos poetas populares como Hugolino de Sabugi, Silvino Piraguá e Leandro Gomes de Barros. Este último é considerado o responsável pela projeção comercial do folheto que

antes era distribuído em folhas avulsas e, como 'livrinho' impresso em papel barato, passou a ser vendido nas feiras livres. Sobre esse aspecto Monteiro (2003, p 5) ressalta:

[...]

Sem bairrismo ou pieguice
É preciso registrar
Que o Nordeste é o berço
Do poeta popular
Aqui nasceram Nicandro,
João Martins e Leandro;
Este, um caso singular.

Leandro Gomes de Barros
Segundo os pesquisadores
Foi autor de mil histórias
E imaginem, senhores
Quanto ele produziu
E o quanto contribuiu
Com nossos educadores

[...]

Nas estrofes acima, o autor enfatiza o Nordeste do Brasil como o berço da poesia popular, o que reforça a ideia de que chegando ao Brasil, trazida pelos portugueses, a literatura de cordel se consolidou no meio popular, adquirindo características próprias.

Do outro lado do mundo, as narrativas eram repassadas através da tradição oral pelos vates - pessoas que contavam suas histórias nos salões palacianos e em locais públicos.

O termo cordel vem de Portugal e é usado devido o folheto ser exposto pendurado em barbantes, cordão (cordel). É um tipo de poesia popular, originalmente oral, depois impressa em folhetos rústicos expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome. São escritos em forma rimada e alguns poemas são ilustrados com xilogravuras, o mesmo estilo das gravuras usadas nas capas.

Na literatura de cordel, a palavra é a grande senhora, seja no plano da escrita, da oralidade ou da canção, poetas e cantadores, os principais intérpretes de um cotidiano pleno da história de curiosidades, disputas, comédias e tragédias inventadas ou não.

Se em Portugal os cordéis eram escritos e lidos por pessoas da classe média da população, aqui no Brasil a situação se repete quando os folhetos são lidos coletivamente. Na opinião de Viana (2006) é no Nordeste onde se encontram os folguedos populares ligados à tradição oral como os aboios dos vaqueiros, as cantoria das lavadeiras ou os benditos das rezadeiras e os cantos de tradição. Para o autor estes repertórios de ações oriundas do saber popular e da cultura do povo foram, durante muito tempo, a forma de diversão utilizada pela população o que se modificou com a chegada dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão.

A diversidade de temas e formas expressivas no cordel caracteriza-se, por si só, como objeto cultural portador e motivador de novas leituras, descobertas e encontros, especialmente se travados entre homens de diferentes histórias, de diferentes geografias e homens da cidade e do campo.

1.2 Xilogravura: a ilustração dos folhetos

Sendo parte integrante do folheto a xilogravura é tão importante quanto o próprio texto porque é ela que apresenta a parte visual da história narrada. Se as obras da literatura universal, os livros da literatura infanto-juvenil ou qualquer outro tipo de literatura começam a impressionar o leitor a partir da capa, os folhetos de cordel não são diferentes nesse aspecto. A arte da capa dos folhetos tem todo um processo de construção até chegar ao produto final: impressão.



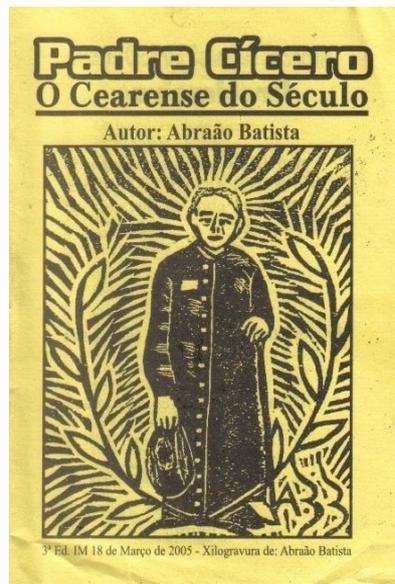
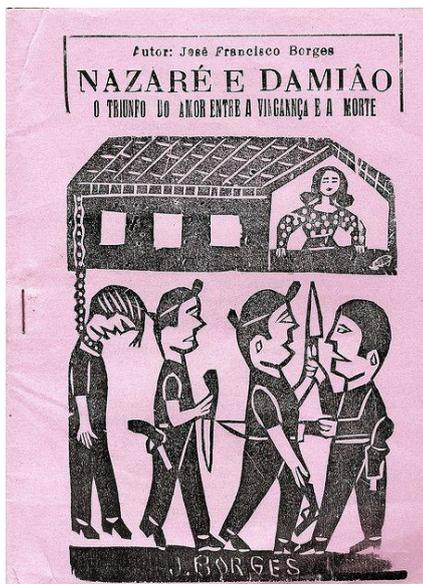
(Capas dos dois folhetos mais populares)

Segundo Kaplan (2004) didaticamente, podemos conceituar a xilogravura com um processo de impressão que utiliza como matriz um carimbo de madeira.

As gravuras talhadas em madeira (umburana, cedro ou pinho) possibilitaram aos artistas populares o domínio de todo o processo de edição dos folhetos.

Os desenhos acompanham o conteúdo do folheto porque têm uma ligação direta com a história contada.

Na opinião de Pereira (2006) quase todos os xilógrafos populares brasileiros provêm do cordel, principalmente do Nordeste do Brasil e entre os mais importantes presentes no acervo da Galeria Brasileira estão: Abraão Batista, José Costa Leite, J. Borges, Amaro Francisco, José Lourenço e Gilvan Samico.



(Capas dos folhetos do cordelista José Francisco Borges e Abraão Batista)

Ainda segundo Pereira (2006), José Francisco Borges, considerado um dos mais importantes nomes da gravura popular brasileira, fez sua primeira xilogravura para o folheto “O Verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vêm”, também de sua autoria. Em quase 40 anos de carreira, J. Borges escreveu mais de 200 cordéis, que, com exceção do primeiro, foram todos ilustrados Por ele próprio. O artista destaca a gravura “A chegada da prostituta no céu”, de 1976, como sua obra mais famosa. Sua obra retrata o cotidiano do homem do homem do Nordeste, a cultura e o folclore e a luta do povo na vida do sertão. Outro tema frequente no cordel e gravuras de J. Borges é o cangaço.

A superfície da placa recebe uma cobertura de tinta e é então impressa sobre o papel. Barata e bastante simples em sua execução, esta técnica permite aos gravadores o desenvolvimento de suas próprias ferramentas de corte para os entalhes na matriz.



(Xilogravuras de J. Borges)

No início os folhetos de cordel eram produzidos artesanalmente e apresentados em folhas soltas, avulsas, razão porque não necessitavam dos desenhos que hoje vemos nas capas. Os folhetos publicados por Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e Silvino Piraguá de Lima num período que vai do início a última década de século XIX até meados da década de 20 do século XX, eram considerados pelos próprios poetas folhetos sem capa.

O uso dessa técnica nas capas dos folhetos não é tão antigo assim. Segundo Luyrten (1983) as xilogravuras só aparecem nos folhetos a partir da década de 1940. Antes desse período eram ilustrações de cartões postais e fotos de artistas. Na atualidade são usadas fotos ou ilustrações retiradas da *internet*.

As novas tecnologias ao mesmo tempo em que trouxeram avanços e facilidades, tiraram também um pouco da originalidade das capas dos folhetos de cordel, como afirma Viana (2006):

[...]

Os primeiros cordéis foram
Escritos em pergaminho
Passou do couro ao papel
Foi seguindo o seu caminho
Hoje a escrita moderna
Lhe aceita com todo alinhô

Do lápis para a caneta
Chegando aos computadores
Antes foi só preto e branco
Agora temos em cores
Multiplicando o sucesso
E ampliando valores

Capa com xilogravura
Já é coisa do passado
Ao invés do clichê temos
Traço caricaturado
Por que não queremos mais
Retrato mal desenhado.

(VIANA 2006)

Os versos trazem-nos informações que através das quais podemos observar que a xilogravura, mesmo sendo a forma autêntica de ilustração nesse tipo de literatura vem possibilitando outras formas de desenho nas capas dos folhetos, pois atualmente alguns autores fazem opção pelas imagens retiradas da *internet* ou desenhos coloridos em computação gráfica.

No tópico seguinte traremos informações sobre a estrutura e organização na formação dos versos, apresentando assim a estrutura e harmonia presente em cada estrofe, bem como seus elementos de musicalidade no texto do cordel quando recitado.

1.3 A estrutura e a métrica utilizada nos cordéis

Todo texto obedece a uma estrutura básica de introdução, desenvolvimento e conclusão para que suas informações sejam, de fato, compreendidas pelo leitor-ouvinte. Salientamos ainda, que o texto se apresente em prosa ou verso. Se na prosa encontramos uma estruturação de frases, orações organizadas em parágrafos, no texto versificado a divisão se dá através de estrofes que é o agrupamento de versos.

Por ser um tipo de texto escrito para ser falado, o cordel tem determinados elementos e marcas de musicalidade e ritmo que se fazem presentes na oralidade. São a rima e a métrica que definem o ritmo na recitação de um cordel. E nesse sentido, Martins (2012) afirma que “os folhetos possuem características formais que se assemelham aos repentes, tais como o mote, tema em forma e verso, proposto aos cantadores durante uma disputa”.

Assim, como precisamos da coerência no parágrafo do texto em prosa, necessitamos de três elementos básicos para que uma estrofe esteja completa: a métrica, a rima e o sentido. Segundo o poeta repentista cearense Geraldo Amâncio Pereira, para se fazer um cordel é preciso:

Primeiro tem que se criar um enredo, ou seja, é como fazer um filme. É necessário que haja um roteiro muito bem feito com começo, meio e fim, como toda história bem contada. Aí serão construídas as estrofes que exigem primordialmente rimas certas, nos lugares certos e com métricas cantantes. (PEREIRA, 2006, p 41)

O roteiro sobre o qual o autor discorre do cordel se apresenta na história através da organização dos versos em estrofes que desencadeiam o trabalho poético. Tais estrofes se conceituam como: simples - com versos com a mesma medida; composta – com versos maiores em combinação com outros menores e; livres- composta por versos de diferentes medidas.

No tocante à organização, Pereira (2006) ressalta que as estrofes se conceituam de acordo com a distribuição e a quantidade de versos que vão de um a doze. Segundo o autor, elas ficam assim distribuídas: monóstico - estrofes com um verso; dístico ou parêntese- estrofes com dois versos; terceto - estrofes com três versos; quarteto ou quadra - estrofe de quatro versos é conhecida também por quadrinha; quintilha - estrofe com cinco versos; a sextilha – estrofe com seis versos; a septilha - estrofe com sete versos; oitava-estrofe com oito versos; nona – estrofe com nove versos em geral de uma quadra e uma quintilha; décima- estrofe de dez versos em geral uma quadra e uma sextilha, ou duas quintilhas.

Como observamos, o cordel se apresenta em diferentes modalidades quanto à estrutura e organização dos versos, mas a mais comum é a estrofe com seis

versos com sete sílabas. E nesse sentido Pereira (2006) afirma ser a sextilha a mais comum entre os cordéis que circulam no contexto da cultura do Nordeste brasileiro.

A sextilha caracteriza-se por conter estrofes de seis versos com sete sílabas poéticas e é forma mais presente nos folhetos do cordel nordestino. No folheto intitulado “O cordel em cordel” do poeta Medeiros Braga, o autor conceitua a sextilha versificando da seguinte forma:

[...]

Tem a estrofe da sextilha
Seis versos, linhas e pés
Com sete sílabas. A forma
Na põem os menestreis
As formas de poesias
Pra comporem seus cordéis

A sextilha tem seus versos
Com sua rima perfeita
Nas linhas pares que são
A segunda, quarta e sexta
Tornando, assim a estrofe
Bem mais poética e perfeita

Os poetas cantadores
De improviso bons artistas
Os geniais violeiros
Viam as sextilhas versistas
Como A deusa inspiradora
Dos poetas repentistas

(BRAGA, 2009)

Nas estrofes apresentadas o autor apresenta o conceito de sextilha o que ilustram, de forma didática e perceptível as informações supracitadas. A sextilha é o tipo de estrofe mais presente na literatura de cordel nordestina.

Quanto à organização dos versos, Viana (2006) no seu Projeto “Acorda cordel na sala de aula” nos coloca que eles são construídos, didaticamente, da seguinte forma: agudo, grave e esdrúxulo. Tal classificação se apresenta assim:

*Verso agudo - aquele que termina numa palavra oxítone ou monossílabo.

Ex. Ser po e ta cus ta **ca** ro.

1 2 3 4 5 6 7

*Verso grave- aquele que é finalizado por uma palavra paroxítone.

Ex. Eu-nas-ci-em-For-ta-**le**-za

1 2 3 4 5 6 7

*Verso esdrúxulo - é aquele que termina em palavra proparoxítona.

Ex. Eu-sou-um-po-e-ta-**clás**-si-co.

1 2 3 4 5 6 7

*Elisão - ocorre com a fusão de duas ou mais vogais no meso verso formando uma sílaba só.

Ex. “Dei-te-a-mar” = “Dei-tea-mar”

Em se tratando da qualidade dos versos, segundo Pereira (2006) essa qualificação se faz a partir da contagem silábica que difere da contagem das palavras na frase. O autor ressalta que gramaticalmente todas as sílabas das palavras são contadas e no verso leva-se em conta a fala com a fusão de algumas vogais pronunciadas. Por exemplo, na frase: Dei-te-a-mar, temos quatro sílabas gramaticais. Porém, se fizermos a escansão poética teremos três sílabas Dei-te a-mar. Neste caso, ocorre a figura de linguagem elisão em que dois sons vocálicos se fundem numa única sílaba.

Relacionada ao processo de qualificação dos versos, as ideias de Pereira (2006) compartilham com as informações de Viana (2006) quando afirma que o processo de contagem dos versos que obedece a critérios convencionados pelos poetas em que as sílabas poéticas são contadas até a sílaba tônica da última palavra do verso e, didaticamente, obedece à seguinte regra:

- a) Se a sílaba final átona for terminada em vogal e a inicial da palavra seguinte também iniciar por vogal, formam uma sílaba só.

Ex. “Que-ri-da-in-fân-cia” divide-se “Que-ri-da in-fân-cia”.

- b) Se a vogal da sílaba final é tônica, não ocorre a elisão.

Ex. “Má-o-ca-si-ão” divide-se “Má-o-ca-si-ão”.

- c) Na última palavra de cada verso não se contam as sílabas seguintes à tônica.

Ex. Em “É-pre-ci-so-se-guir-**re**-gras” divide-se “É-pre-ci-so-se-guir-**re**-gras”.

Conta-se até a última sílaba tônica do verso.

As informações supracitadas estão embasadas nos estudos de Pereira (2006) e nas nossas experiências a partir da interação e das vivências e leituras de diferentes autores cordelistas. Esses conhecimentos são de suma importância para o aluno/leitor iniciante que deseja produzir na modalidade textual cordel, tendo em vista as informações aí contidas de forma instrucional. Se o treino constante levar-nos ao aperfeiçoamento das nossas ações, com a escrita não é diferente para que possamos avançar na nossa modalidade escritora.

1.4 Literatura de cordel no Nordeste brasileiro

A literatura popular no Brasil tem sua força expressiva conforme cada localidade, mas é na Região Nordeste onde se encontra a maior concentração de elementos da literatura popular ou literatura de cordel. É difícil falar em literatura popular no Nordeste sem citar Patativa do Assaré e Ariano Suassuna. O primeiro popularizou e oficializou a poesia popular no mundo e o segundo possibilitou que essa literatura saísse do espaço da escrita e alçasse vôo em outros gêneros como a TV e o cinema.

Pois bem, a literatura de cordel é uma espécie de poesia popular que é impressa e divulgada em folhetos ilustrados com o processo de xilogravura como já citamos anteriormente. Segundo Haurélio (2009) chegou ao Brasil no século XVIII, através dos portugueses e, os poucos, foi se tornando cada vez mais popular.

Em algumas localidades ainda são vendidos em lonas ou malas estendidas em feiras populares, com um custo baixo e geralmente vendidas pelos próprios autores. Fazem grande sucesso em estados como Pernambuco, Ceará, Alagoas, Paraíba e Bahia.

Outro aspecto da literatura popular que destacamos neste trabalho é o pouco interesse das Escolas e das Universidades, em sua grande maioria, em trabalhar de forma instigante a literatura popular com seus alunos. Apesar de alguns livros didáticos ou mesmo alguns professores amantes da temática tentarem incentivar o trabalho com a literatura popular e/ou a literatura de cordel em suas aulas, o conhecimento sobre questões voltadas à temática ainda é muito pouco, sem falar da pouca valorização e visibilidade.

Vale salientar que algumas ações/trabalhos tem se destacado no meio a pouca disseminação do cordel, exemplo disso é que Graças à disciplina Literatura Popular do Curso de Letras do Campus Avançado de Patu – CAP, na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte-UERN conseguimos realizar este trabalho de pesquisa voltado para essa arte popular que vem ganhando espaço no mundo literário junto à cultura erudita e das grandes elites.

Sobre a importância da literatura de cordel e sua inserção no meio escolar e acadêmico o poeta Manoel Monteiro (2003) fala sobre o incentivo do Ministério da Educação e Do Desporto- MEC, em editar versos cordel:

[...]

Tanto que o Ministério
Da Educação o ativa
E agora mesmo está
Editando Patativa
Que dentre os livros dispersos
Recontou em belos versos
Uma história atrativa

Tenho dito e repetido
Até de maneira enfática
Que o cordel, na escola
Tem utilidade prática
Auxilia e complementa
Como nova ferramenta
Da função paradidática.
[...]

(MONTEIRO, 2003)

Os versos reforçam a nossa tese de que esse fascinante meio de comunicação é um grande aliado no processo de aprendizagem de adolescentes e jovens estudantes porque além de encantar, desperta o prazer da leitura, como afirma Viana (2006, p.15) “Minha avó Alzira possuía uma maleta cheia de versos e fazia a leitura dos mesmos em voz alta para deleite de crianças e adultos”.

O trabalho realizado com o cordel na sala de aula busca, além da aprendizagem, fazer a revitalização do gênero e sua utilização como ferramenta paradidática na alfabetização de crianças, jovens e adultos nas classes de Ensino Fundamental e estimulando nesse público o gosto pela leitura.

No tocante aos assuntos retratados nos livretos são: festas, política, secas, disputas, brigas, milagres, vida dos cangaceiros, atos de heroísmo, milagres, morte de personalidades e que são aspectos culturais da vivência social e cultural do povo nordestino. Para Hurélio (2009) são os mitos, as crenças e valores, as festas religiosas e folgedos populares que são retratados nas narrativas escritas ou orais quando acontecem as cantorias ou os tradicionais congressos de cantadores.

Como já salientamos a literatura de cordel influenciou vários escritores do Nordeste e entre eles podemos citar Ariano Suassuna, um defensor ferrenho da cultura popular nordestina é João Cabral de Melo Neto com seu clássico Auto de natal, Morte e Vida Severina e João Guimarães Rosa que possibilitou-nos a introdução de novas palavras no dialeto particular do nordeste. A cultura

cinematográfica e televisiva também se rendeu à literatura de cordel. Conforme afirma Haurélio, (2009), já na década de 1960, o cineasta Glauber Rocha já buscava na gesta sertaneja uma linguagem próxima do cordel no seu clássico *Deus e o diabo na Terra do sol*. Filme que retrata em imagens contundentes o Nordeste do cangaceiro, do jagunço e do cantador através de personagens reais e de forte carga simbólica. Seguindo com esse raciocínio Haurélio (2009) ainda assinala que Ariano Suassuna por sua vez teve suas obras adaptadas para a TV dentre as quais destacamos o *Auto da Compadecida* baseado em três folhetos distintos, dois deles escritos por Leandro Gomes de Barros. O primeiro é *O Cavalo que Defecava Dinheiro*, que mostra como um espertalhão que consegue enganar um duque invejoso convencendo-o de que um cavalo é realmente capaz de obrar (sem trocadilho) o prodígio do título. Na obra televisiva o cavalo foi substituído por um gato, por motivos de adaptação. O outro poema de Leandro reaproveitado por Suassuna é *O Dinheiro (O Testamento do Cachorro)*, onde aparecem as figuras do padre e do bispo.

O erudito e o popular fazem um escambo de informações, onde um utiliza-se do outro para produzir sua obra literária, como relata Marco Haurélio:

[...] se os autores eruditos bebem na fonte popular, o inverso também ocorre, e em escala bem maior. João Martins de Athayde verteu para o cordel, clássicos da literatura como *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco e o *Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Duma, recriado com o título de *Romance de um sentenciado*. [...] Rodolfo Coelho recriou Tereza Batista Cansada de Guerra com um enfoque moralista diferente do romance de Jorge Amado e mais recentemente Zé Maria de Fortaleza cordelizou *Capitães da Areia*. (HAURÉLIO, 2009)

As informações supracitadas corroboram com as projeções já mencionadas neste trabalho de que o popular e o clássico se complementam quando fazem o levantamento de possibilidades e de produção de conhecimento que vão do mais simples ao mais complexo. Assim, nos questionamos: O popular pode-se tornar erudito ou vice-versa?

2 O CORDEL EM SALA DE AULA: POESIA, DESCONTRAÇÃO E CONHECIMENTO

Este capítulo trata da análise dos dados coletados a partir das anotações de algumas aulas que ministramos sobre a literatura de cordel nas turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, de uma escola pública do interior do Estado do Rio Grande do Norte, bem como de reflexões acerca das respostas dadas ao questionário que foi aplicado a 4 alunos, sendo 2 de cada ano escolar, com o intuito de analisar quais as impressões destes alunos relacionadas ao trabalho realizado com a literatura de cordel em suas salas de aula. Como já afirmamos anteriormente, a seleção de alunos para contribuírem com a pesquisa foi realizada através de um sorteio a partir dos números do diário e que foi sorteado dois alunos de cada turma, isso para sermos o mais imparcial possível na pesquisa. Ainda, refletimos sobre as produções de cordéis desses mesmos alunos, tudo isso com o intuito de atingirmos nossos objetivos e conseguirmos responder nossas questões de pesquisa.

2.1 A escola pesquisada: universo cordelista

A Unidade de Ensino está localizada na Zona Urbana do município de Janduís - RN. Foi criada pela Lei municipal nº 68/85 de 01 de fevereiro de 1985. Funciona nos turnos matutinos e vespertinos com turmas do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e, no turno noturno, funcionam turmas de Educação de Jovens e Adultos - EJA no 3º, 4º e 5º níveis. É uma escola de médio porte, com 4 salas de aula, uma sala de leitura, dois banheiros adaptados para as normas de inclusão, sendo um masculino e um feminino, um laboratório de informática que atualmente encontra-se desativado.

O trabalho da escola baseia-se numa proposta flexível a ser concretizada nas decisões dos projetos educacionais empreendidos na Instituição de Ensino, respeitando as diretrizes gerais da Lei de Diretrizes e Bases-LDB. Nela estão contidas as tendências pedagógicas a serem praticadas na escola, bem como o sistema de avaliação e a prática disciplinar desenvolvida pelos professores. O trabalho pedagógico tem seu fundamento na construção de um conhecimento que

não é pronto e acabado, mas que está em permanente avaliação e/ou reformulação, de acordo com os avanços dos principais paradigmas educacionais da atualidade.

É nesta perspectiva que a Unidade de Ensino, campo desta pesquisa, fundamenta seu trabalho, buscando programar na sua proposta o diálogo e o respeito à diversidade como forma de organização e fortalecimento da estrutura educacional, dos conteúdos e da metodologia de ensino, bem como ter claro seus fins e objetivos, dando ciência ao corpo docente dos procedimentos essenciais pertinentes ao Projeto Político Pedagógico da escola. O corpo administrativo da escola é composto por um diretor, um supervisor e dois funcionários da secretária.

O quadro administrativo e pedagógico é gerenciado por um diretor nomeado pelo poder executivo, tendo em vista o município não trabalhar com o processo de eleições democráticas, um supervisor pedagógico e dois funcionários na secretaria. Estes últimos são profissionais do quadro efetivo.

O quadro docente da instituição na atualidade é composto por 12 professores dos quais 03 professores têm graduação em Ciências/Matemática, 01 com graduação em Letras – Língua Portuguesa, 02 professores com graduação em Letras – Língua Inglesa e 01 com graduação em Educação Física. 05 professores são Pedagogos e ministram aulas nas disciplinas de Português, Ciências, História, Geografia, Arte e Religião.

Um professor do quadro efetivo trabalha na sala de leitura como suporte para o aluno que apresentar dificuldades nas aprendizagens atendendo-o em atividades extraclasse. No tocante à área de lazer e às práticas de Educação Física, a escola é carente de espaço físico para a realização de atividades e práticas esportivas o que ocorre na quadra poliesportiva do Módulo Esportivo da sede do município.

A marca registrada dessa unidade educacional é a Realização da Semana Cultural, evento que acontece anualmente durante o 4º bimestre letivo e que tem promovido a aprendizagem através de atividades de cunho literário-culturais. Esse evento além de ter ampliado o número de matrícula, vem ao longo dos anos reduzido o índice de evasão e repetência no âmbito da referida Escola. Isso se reflete nos números do Índice de desenvolvimento da educação Básica - IDEB que nos dois últimos anos registraram uma leve melhora. No ano de 2013 a meta projetada era 3,6 atingiu 3,9 e em 2015 era projetada em 4,0 e permaneceu em 4,0. Fato este que fez com que a equipe gestora se mobilizasse para avaliar o trabalho e,

com isso, detectar os pontos fracos no trabalho visando à melhoria nesses resultados.

2.2 Um desenhar da prática com a literatura de cordel

O trabalho didático-pedagógico enfatizando a literatura e, especificamente, a Literatura de Cordel na escola *lócus* desta pesquisa, é parte dos conteúdos didáticos da grade curricular da área de Língua Portuguesa e já vem sendo realizado na escola desde o ano de 1998, período da realização de um estudo específico sobre Cordel, durante O “Projeto de Leitura”, evento realizado anualmente na escola dentro da programação da Semana Cultural. Dentre as ações do projeto, uma delas foi à realização de oficinas de cordel que valorizou a produção textual dos alunos envolvidos no projeto.

Durante a realização desta pesquisa, preparamos e ministramos 10 aulas de literatura de cordel nas turmas do 8º e 9º anos, correspondente a 2 semanas, período em que fizemos anotações que se constituem parte do *corpus* de nossa pesquisa. Em seguida, aplicamos um questionário com a participação de quatro alunos, sendo dois de cada ano escolar, no intuito de analisar quais as impressões dos mesmos em relação ao trabalho realizado com a literatura de cordel em suas salas de aula. Os alunos serão aqui identificados como A, B, C e D para a preservação de suas identidades.

Na primeira aula ministrada, levamos diferentes folhetos de cordel e disponibilizamos na sala de aula para que os alunos pudessem ter o contato e escolhessem o que desejassem ler.



Foto 1. Alunos realizando leitura de cordéis



Foto 2

Após a leitura dos folhetos os alunos foram dispostos em círculos e cada um foi falando sobre os textos lidos e quais suas ideias e conhecimentos construídos a partir das leituras realizadas. Ainda nesta etapa, discutimos sobre a importância de uma leitura bem realizada observando que a mesma deve ter um ritmo e uma melodia diferente dos textos que costumamos ler.

Nessa fase, foi realizada uma conversa com a turma para verificar qual o conhecimento que cada um tinha acerca do tema e verificou-se que muitos possuíam folhetos em casa, o que possibilitou um melhor trabalho na fase seguinte.



Foto 3. Cordéis diversos à disposição dos alunos

Esse feito despertou a curiosidade de como se fazer para adquirir essa melodia nos textos. Iniciamos então, um estudo didático-teórico sobre a construção do texto em cordel. Os questionamentos infra-relacionados serviram de norte para o início do estudo:

*Como se produz um folheto de cordel?

*Como é que se faz um trabalho com as palavras todas organizadas de maneira a produzir um efeito sonoro extraordinário?

*O que fazer para os versos ficarem do mesmo tamanho?

Com base nesses questionamentos, iniciamos o estudo propriamente dito sobre a estrutura do gênero e de como se faz para produzir um texto em forma de cordel, o que, para tanto, se obedeceu à sistemática do estudo de textos teóricos, no qual refletimos sobre o que é cordel, de onde veio e como chegou até o Brasil. Daí por diante, passamos a analisar textos escritos por diferentes cordelistas já consagrados no mercado literário, visando à verificação da técnica utilizada por cada um deles na produção de seus textos o que posteriormente viria auxiliar as produções individuais de cada aluno participante da turma.

Na etapa seguinte, solicitamos que cada um escrevesse uma quadra que é uma estrofe de quatro versos e bastante utilizada no cotidiano. Para a construção da quadra, o tema foi livre com o critério de originalidade. Metodologicamente, pedimos que cada um escrevesse do jeito que sabia e em conformidade com o conteúdo visto por eles na teoria para ser posto em prática e depois fomos ajustando o que seria necessário. Essa atividade tinha a finalidade de observar a ampliação vocabular do aluno, sua habilidade com o jogo das rimas e a preparação para a produção do cordel posteriormente com tema definido.

Após as análises dos primeiros textos produzidos observamos que o resultado foi satisfatório, visto que, trata-se de poemas mais simples e de fácil entendimento.

Para a produção dos cordéis, iniciamos com a solicitação de construção de uma sextilha com o tema “A importância da leitura”, onde cada aluno pesquisado deveria construir seu texto, observando-se também o critério de originalidade. No início, os alunos se mostraram tímidos em escrever seus próprios textos, já que se tratava de uma nova modalidade de poema, mais complexo e desafiador, mas nós os encorajamos mostrando para eles que os grandes escritores também tiveram suas dificuldades iniciais e se superaram. Nas aulas seguintes, já percebemos avanço na condução de elaboração do processo criativo de cada um e solicitamos a escrita dos textos que seguem infra-relacionados no item 3.4, desta pesquisa que mostra as produções dos alunos.

Um dos grandes desafios desse processo foi a adaptação do aluno ao processo de escansão no qual se verifica se o texto produzido está dentro da métrica exigida, se as rimas obedeciam ao estilo de uma sextilha rimando a segunda com a quarta e com a sexta. Neste contexto destacamos que essa produção para o nível dos alunos com os quais trabalhamos, foi considerada boa, levando-se em conta que foi o primeiro ano que a turma viu um conteúdo dessa complexidade e para eles foi desafiante.

Com o estudo realizado nas aulas, percebemos que é necessário um trabalho que tenha o seu processo inicial a partir das séries iniciais não apenas com o estudo do que é estrofe e verso como comumente se observa, mas um aprofundamento mais específico desse conteúdo, evidentemente de acordo com o ano escolar do aluno, para que possamos disseminar a arte da literatura de cordel, que é uma característica marcante na nossa região, mas tão pouco valorizada. A

escola é um espaço onde as relações de aprendizagem e de conhecimento se estabelecem e, portanto é nela onde se espera que parta o estímulo para que o aluno se interesse pelo estudo mais detalhado da literatura de cordel.

2.3 A voz dos alunos sobre o trabalho com a literatura de cordel

O questionário respondido pelos alunos conteve questões relacionadas ao trabalho com a produção textual deles em literatura de cordel e tais questionamentos versaram sobre: como é realizado o trabalho com cordel em sala de aula e se nas atividades de aula existe um momento dedicado a produção de cordéis, bem como, sobre como isso ocorre, e mesmo se há incentivo por parte dos professores para tal atividade. Assim, procuramos verificar as impressões dos alunos relacionadas ao trabalho realizado com a literatura de cordel nas referidas turmas, bem como, compreender de que forma o referido trabalho tem contribuído para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, especificamente no que se refere à produção textual do gênero.

Iniciamos, perguntando se no trabalho realizado nas aulas de Língua Portuguesa o cordel está presente. Todos os pesquisados responderam que sim. O que comprova que os alunos têm consciência da existência de um trabalho realizado com a literatura de cordel na turma pesquisada.

Interessados em compreendermos mais sobre a visão desses alunos sobre o desenvolvimento do trabalho com a literatura de cordel, perguntamos aos alunos pesquisados como esse trabalho é realizado e obtivemos as seguintes respostas: A aluna A respondeu que “Primeiramente, antes de estudarmos este assunto, nosso professor nos explicou muito bem, e também nas aulas como dever de casa temos que fazer cordéis, sextilhas e poemas”. Já a aluna B disse “O nosso professor ele fala de vários escritores de cordéis e de cada um ele mostra um cordel”.

Ainda com a indagação sobre o desenvolvimento de atividades sobre literatura de cordel na escola, aluno C afirmou que “o cordel é ‘realizado’ em textos dos livros” e aluno D complementa dizendo que “É realizado através da produção”.

Conforme as respostas iniciais, podemos considerar que mesmo a temática sendo trabalhada pela escola de forma ainda incipiente, os alunos têm

conhecimento a esse respeito e sabem da importância da aprendizagem diferenciada a partir da literatura de cordel.

Na sequência perguntamos como ocorrem os momentos dedicados à produção de cordel e o que os alunos pensam disto. Conforme a opinião de aluna A “nosso professor passa dever de casa como fazer uma sextilha ou uma quadra etc. assim nós podemos já ter uma ideia e já ir praticando para fazermos. Eu penso que isso será fundamental para ampliar nossa aprendizagem”

Aluna B disse que ‘em sala de aula eu não tenho tentado escrever, mas eu gostaria de escrever’.

Aluno C descreve tal momento dizendo que ocorre com o professor ‘dando instruções de como fazer o cordel. Eu penso que o cordel ele era pra ser fácil fazer. Depois de saber fazer rimas o cordel é fácil de fazer’.

Na resposta deste aluno saber rimar é uma das condições necessárias e importantes para a produção do cordel. Já o aluno D reproduz a opinião dos professores em afirmar que ‘eles - os professores - falam que é importante’.

Com as respostas dos alunos percebemos que eles apesar de ainda terem dificuldade com a escrita desse gênero textual, já têm uma pré-disposição em relação à aprendizagem. Fica evidente também, a compreensão de que é um tema importante para ampliar e expandir o conhecimento e a aprendizagem.

Percebemos, com isto, quão importante é que o professor não só proporcione momentos de aprendizagem em sala de aula, mas que promova projetos didáticos que possibilitem a vivência prática com a produção de textos poéticos em cordel.

As duas últimas perguntas do questionário versaram sobre se cada um gosta de escrever cordel e a maneira como vê o trabalho com Literatura de cordel desenvolvido na escola. A partir delas pudemos observar que, se para uns é motivo de dificuldade para outros a realização de estudo sobre a literatura de cordel é motivo de aprendizagens novas e consecução de novos conhecimentos.

Embora seja uma forma nova de aprender os conteúdos e não sendo experiente o suficiente para produzir um texto extraordinário, aluna A opina dizendo: “Eu acho muito interessante. Já tentei escrever alguns e consegui, mas não tenho experiência para escrever muitos cordéis.

Enquanto aluna B diz:

“Eu acho que seria bom para enriquecer meus estudos e a minha capacidade de escritora”.

Aluno C fala que acha “difícil escrever por que ‘é preciso fazer rima’.

De fato, percebemos que a produção com a narrativa em parágrafos torna-se menos complicada na hora de redigir enquanto que o texto poético requer uma maior atenção. No caso do poema em cordel deve-se observar além da coerência com as ideias, a rima e a métrica, elementos que não são tão simples em se tratando de escrita.

Ainda sobre a experiência de escrever em cordel aluno D diz ser “uma experiência boa”. Embora uma resposta reticente, mas percebemos que o entrevistado vê a atividade como algo importante para sua aprendizagem.

Sobre a forma como vê o trabalho realizado com cordel, recebemos dos alunos entrevistados as seguintes opiniões:

Aluna A diz que “Eu vejo como uma oportunidade de aprender coisas novas, coisas essenciais para o nosso futuro e levar como aprendizagem para a vida”.

Aluna B fala que acha “pouco tempo e que seria mais legal aprender mais um pouco de cordel”.

Aluno C afirma ser “muito bom o trabalho com cordel. Porque pra quem nunca estudou é muito bom estudar e pra quem já viu vai rever”.

Aluno D diz: “vejo que os alunos estão bem mais envolvidos na questão da leitura de cordel”.

As respostas ao questionário respondido pelos entrevistados e entrevistadas nos revelam que o trabalho realizado com leitura e produção a partir da Literatura de cordel em sala de aula, provoca o desejo de ir mais além à realização de aprendizagens novas provoca o desejo de ir mais além. E que estudo dessa temática pode ter maior espaço dentro das atividades discentes. Nesse sentido Marinho (2009) afirma que:

O trabalho com a literatura popular pressupõe essa “empatia sincera e prolongada” e, sobretudo, uma “relação amorosa”. [...] uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder apreender-lhe os sentidos e não interpretá-la redutor. (MARINHO, 2012, p. 125)

Ainda nessa perspectiva, a autora defende que a ideia de sugerir atividades e procedimentos a serem trabalhados na realidade escolar, deve ser compreendida

como pistas para se fazer com que a literatura de cordel possa ser experimentada e vivenciada pelos alunos/leitores e não apenas como algo exótico em sala de aula.

2.4 E o que nos mostram as produções?

Este trabalho resulta da nossa experiência e da análise das respostas dadas às perguntas do questionário que aplicamos para analisar especificamente as produções dos alunos e alunas. Além do questionário, solicitamos que fosse produzida uma estrofe em quadra ou sextilha contemplando o tema: a importância da leitura. A atividade foi realizada entre todos os alunos da turma, embora apenas fossem analisados aqui aqueles contemplados com a pesquisa.

A seguir as produções dos alunos com as nossas observações.

Aluna A

A leitura é o caminho
 Para a cultura e o saber
 Com ela podemos viajar
 E muitos lugares conhecer
 Aprender coisas novas
 Para cada dia crescer

No texto acima percebemos que a aluna A já concebe como proceder para a realização da rima na sextilha em que se aliteram a segunda com a quarta e a sexta, mas apresenta dificuldade na concepção da métrica tendo em vista não metrificar todos os versos em sete sílabas poéticas. No que se refere à oração que é o que reflete o sentido do conteúdo da estrofe ela apresenta um bom desenvolvimento o que comprova a fala de aluno C quando diz que o cordel é mais difícil porque tem que construir a rima. Para estes aprendizes a produção das narrativas em prosa são mais fácil de “arrumar as palavras” em frases, orações e períodos, diferentemente das estrofes do cordel que obedecem às normas cordelísticas.

Aluna B

Leitura é bom para todos nós
 Para um bom futuro ter
 Só depende de nós
 É bom saber ler

Pois ela ajuda a nós
Para um bom trabalho ter

Aluna B traz no seu texto uma reflexão sobre a importância da leitura, o que foi proposto na atividade. Aí observamos que a aluna não obedece todas às regras sobre a construção de uma sextilha em cordel onde todos os versos devem conter as sete sílabas. Mas observamos a preocupação em realizar sua produção com coerência em relação ao tema solicitado. Para os alunos, nessa etapa de ensino, as narrativas em prosa são mais acessíveis que as produções poéticas. Monteiro (2003) afirma que se não há o domínio das técnicas do cordel, mas há a compreensão das ideias na oração já é um bom começo.

Aluno C

A leitura é muito boa
Para a gente aprender
Novos mundos explora
E muitos livros ler
A leitura é a cultura
É a arte do saber

Aluno D

E muito bom saber ler
Porque é importante pra nós
Para um bom futuro ter
Só depende de nós

Os textos dos alunos C e D acima apesar de serem estruturados diferentes, tendo em vista ser uma sextilha e uma quadra, são produções que versam sobre o mesmo mote proposto e ambos refletem acerca da importância da leitura para a exploração de novos horizontes e a preparação de um futuro promissor.

As produções poéticas apresentadas revelam que os alunos estão abertos para novas formas de aprendizagem em leitura e que, mesmo apresentando dificuldades, se pré-dispõem a construção destes saberes.

Sobre “A importância da leitura” sugerida para as produções, observamos que eles têm consciência da importância a leitura para suas vidas presentes e futuras e que estão abertos para vivenciar novas técnicas e dinâmicas de leitura tendo em vista o que revelam suas respostas aos questionários.

Consideramos ainda, que o trabalho de leitura e produção textual deve acompanhar o aluno e o professor em todos os momentos de suas vidas visando o desempenho nas suas “leituras de mundo”. De maneira que professor e aluno devem estar envolvidos no processo para construir suas próprias estratégias de aprendizagem e buscar seus pontos de interesses para que a leitura seja realmente algo de sua vida e que lhe seja útil no seu dia-a-dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura popular no Brasil tem sua força expressiva conforme cada localidade, mas é na Região Nordeste onde se encontra a maior concentração de elementos da literatura popular ou literatura de cordel. Essa vertente da literatura é uma espécie de poesia popular que é impressa e divulgada em folhetos simples e quase sempre vendidos nas feiras livres, a qual denominamos de literatura de cordel.

Como já salientamos anteriormente realizamos este trabalho com base nas discussões acerca da Literatura Popular e visando analisar se/como a literatura de cordel contribui para o desenvolvimento da produção textual dos alunos das turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior do Estado do Rio Grande do Norte.

Assim, esperamos que as opiniões e sugestões aqui descritas e apresentadas possam trazer uma contribuição a mais sobre a realização de trabalhos com o ensino da Língua Portuguesa envolvendo as técnicas da literatura de cordel e que sirva como propósito para outras pesquisas no campo da literatura popular.

No processo de realização da pesquisa pudemos revisitar etapas já vivenciadas como educador em processo e estudante de Letras-licenciatura em língua portuguesa e suas respectivas literaturas para embasar a nossa prática de futuros professores. Com isto buscamos possíveis respostas para algumas lacunas porventura deixadas durante a jornada de trabalho o que nos fez interagir com o saber sistematizado por outros especialistas fazendo, assim a relação teoria e prática.

As leituras realizadas nortearam a elaboração deste trabalho acadêmico o qual consideramos uma produção passiva de ajustes, tendo em vista que o saber não é algo concluído, mas vivenciado em etapas. Isto serviu-nos para rever alguns posicionamentos acerca da realização de atividades de leitura e produção textual bem como para ratificar a ideia de que a prática de leitura deve ser tanto de professor quanto de aluno e, quanto mais dinâmica, mais prazerosa.

A pesquisa nos faz perceber ainda, que mesmo diante das novas tecnologias e dos recursos avançados, a literatura popular e a prática de literatura oral ainda

ocupa espaço entre os estudantes. Restando apenas uma atenção maior para com as histórias do povo, suas crenças, seus costumes, sua religiosidade que precisam ser contadas e registradas pelas gerações presentes de modo que as gerações futuras possam não só referendar, mas reconhecer-se com parte integrante dessa história numa época e num determinado local.

Optar pela literatura popular, especificando a literatura de cordel, como um dos fios condutores desse trabalho visando à possibilidade da inserção da literatura em sala de aulas do Ensino Fundamental é um desafio para o educador, visto que o ensino específico de Literatura está posto como componente curricular do Ensino Médio. Marinho (2012) diz que o campo de trabalho com a literatura de cordel pressupõe o envolvimento afetivo com a cultura popular, por isso salientamos que a completude desse trabalho dar-se-á através da continuidade da pesquisa e do incentivo aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, para que vivenciem os aspectos da literatura popular em diferentes dinâmicas e técnicas que motivem a conhecer, compreender e aprender os diversos aspectos da cultura do povo feita pelo povo.

Vale salientar que o resultado de nossa pesquisa mostra à boa aceitação de nossos alunos acerca do trabalho com a literatura de cordel, já que os mesmos participaram ativamente das aulas ministradas e a todo tempo se dispuseram a realizar as atividades propostas. Além de que comprovamos que a literatura de cordel é uma porta aberta para realizar uma interação entre aluno e professor, bem como para discussões de temática que poderão contribuir de forma bastante significativa na construção do sujeito aluno.

Salientamos também que os alunos pesquisados têm uma visão favorável relacionada ao trabalho com a literatura de cordel realizado nas turmas pesquisadas e que esse trabalho tem contribuído, mesmo que de forma parcial para sua formação leitora e escritora. E por último, é que esse trabalho precisa ser continuado, aprofundado e sistematizado, pois o mesmo pode contribuir de forma bastante positiva para a formação de leitor e escritor dos alunos.

Ressaltamos, por fim, que as conclusões aqui apresentadas não fazem parte de uma verdade absoluta, mas buscam promover a reflexão e o debate acerca do Ensino da Literatura Popular e a introdução da literatura de cordel no âmbito currículo da escola fundamental. Oxalá, possamos com este trabalho levar adiante a prática da leitura e recitação de cordel juntamente aos jovens estudantes, fazer do

espaço escolar um lugar de aprendizagens diversificadas e que possibilitem aos sujeitos a liberdade de se expressar em prosa ou verso sobre quaisquer tema que lhe seja apresentado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília/DF: SEF, 2001
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua Portuguesa**. Brasília/DF. SEFD, 2001.
- HAURÉLIO, Marco. **A grande travessia do cordel e seus briosos vates pelo gigantesco mar das letras brasileiras**. Revista Discutindo literatura. Ano 4. Nº 19. Educacional. São Paulo 2009. pp.34-42.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2007.
- KAPLAN Sheila. **Cordel, a palavra encantada** In: Revista Ciência Hoje das Crianças, ano 17, n.144. Rio de Janeiro, Instituto Ciência Hoje, março/2004.
- LINS, Sylvia Delacours (Org.) **Linguagens, Literatura e Escola**. Sylvia Delacours Lins, Silvia Helena Vieira Cruz (Organizadoras). Fortaleza/CE: Editora UFC, 2006.
- LUYTEN, Joseph Maria. **O que é literatura popular**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. 73 p. (Coleção primeiros passos)
- MARINHO, Ana Cristina. **O cordel no cotidiano escolar**. 1 ed. São Paulo/SP. Cortez, 2012.
- MINAYO, M.C.S. et all. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes. 1994
- MONTEIRO, Manoel. **Escrever um cordel: aprenda a fazer fazendo**. 2 ed. Campina Grande-PB. 2003.
- PEREIRA, Geraldo Amâncio. **O que é verso: curso prático e teórico de cordel e cantoria**. Fortaleza-CE. 2006
- PORTO, Márcia. **Um diálogo entre gêneros textuais**. 1 ed. Curitiba/PR: Aymará, 2009.
- SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. 2 ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2012.
- VIANA, Arievaldo. **Acorda cordel na sala de aula: a Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação**. Fortaleza/CE. Tupynankim. 2006

APÊNDICE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
Campus Avançado de Patu – CP – Departamento de Letras
Componente curricular- **Seminário de Monografia II**
Curso: **Letras** Professora Orientadora: **Gorete Torres**

ENTREVISTA – Aluno/a de 8º e 9º Anos-Ensino Fundamental

DADOS GERAIS

Sexo () M () F

Idade: _____ anos

Ano que cursa atualmente:

() 8º ano 9º ano ()

1 No trabalho realizado nas aulas de Língua Portuguesa o gênero cordel está presente?

() sim () não

1.1 Se sim, como é realizado o trabalho com o cordel em sala de aula?

2 Nas atividades realizadas com o gênero cordel em sala de aula existem momentos dedicado a construções de cordéis?

() sim () não

2.1 Se sim, como ocorre esses momentos e o que você pensa dele?

2.2 Você se sente incentivado (a) por seus professores a escrever cordéis? Fale um pouco sobre isto.

3 Você gosta de escrever cordéis? Conte um pouco dessa experiência.

4 Agora de forma bem detalhada conte como você vê o trabalho com a Literatura de Cordel desenvolvido na Escola?
